



Virada Cultural, Turismo e Relações Interpessoais: A Hospitalidade na Cidade de São Paulo¹

Iara Maria da Silva MOYA²
Celia Maria de Moraes DIAS³
André Reis da SILVA⁴
Danilo Corrêa de OLIVEIRA⁵
Lucy IKEDA⁶
Maria Aparecida de Castro Pandeló PAIVA⁷
Paulo Fava Cardoso ALVES⁸
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir sobre a Virada Cultural da cidade de São Paulo em 2010, visando estabelecer relações entre turismo, hospitalidade e as relações interpessoais, a partir do trabalho de campo desenvolvido por um grupo de alunos do curso de Turismo da ECAUSP, com a utilização da observação participante. Na ocorrência da Virada Cultural a cidade se apresenta como lugar de encontro.

Palavras-chave: virada cultural; turismo; relações interpessoais; hospitalidade na cidade.

Cultura, Turismo e Evento Cultural

A produção cultural, conforme a UNESCO (2009), é, atualmente, um dos maiores negócios do mundo, representando 7% do PIB mundial. No dizer da instituição, a cultura é fonte de emprego, renda e de desenvolvimento humano e social, sendo considerada componente-chave da economia.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Turismo e Hospitalidade, X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientadora do trabalho. Professora Convidada do Curso de Turismo da ECA-USP, email: iaiamoya@gmail.com

³ Professora do Curso de Turismo da ECA-USP, email: cmmdias@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Turismo da ECA-USP, email: andreo.p@hotmail.com

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Turismo da ECA-USP, email: gordonemeio@yahoo.com.br

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Turismo da ECA-USP, email: lucy.ikeda@gmail.com

⁷ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Turismo da ECA-USP, email: pandelopaiva@gmail.com

⁸ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Turismo da ECA-USP, email: pafacal@hotmail.com

Segundo texto do Ministério do Turismo (2008, p.13) “a relação entre turismo e cultura é intrínseca”, e o segmento de Turismo Cultural “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

Os eventos culturais, ainda no dizer do Ministério do Turismo (2008, p.14-15), “englobam as manifestações temporárias, enquadradas ou não na definição de patrimônio. Incluem-se nesta categoria os eventos religiosos, musicais, de dança, de teatro, de cinema, gastronômicos, exposições de arte, de artesanato e outros”.

Nessa perspectiva, a Virada Cultural da cidade de São Paulo, em sua sexta edição em 2010, foi escolhida como elemento de reflexão, visando estabelecer relações entre turismo, hospitalidade e as relações interpessoais. O artigo propõe-se a discutir o evento a partir do trabalho de campo desenvolvido por um grupo de alunos do curso de Turismo da ECAUSP, com a utilização da observação participante. Os alunos, literalmente “vivendo e aprendendo”, participaram de diversos eventos da Virada Cultural e elaboraram, inicialmente, um relatório individual. Esse relatório possibilitou a produção de uma leitura comum ao grupo, e, a partir da discussão conjunta dos resultados individuais e dos conteúdos teóricos adquiridos durante o curso, produziram parte das reflexões aqui apresentadas, de resto, desafio que foi proposto à classe desde o início do semestre.

Cidade e Hospitalidade

Em São Paulo, cidade mundial, global, mais de 11 milhões de pessoas vivem e convivem. Os dados da PNAD/ Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios do IBGE (2009) revelam que, em 2008, nas Regiões Sul e Sudeste, 12,8% dos domicílios tinham apenas um morador. Nas grandes cidades, solidão e medo rondam seus habitantes. No dizer de Bauman (2009, p.32), “as cidades se transformaram em depósitos de problemas causados pela globalização”.

Por outro lado, o espaço por excelência da hospitalidade é a cidade. Conforme Camargo (2004, p.82), “a inserção espacial preferida dos seres humanos é a da cidade e é lá que se processam e se criam estilos de hospitalidade”.

Baptista (2005, p. 16-17) amplia a discussão ao defender a hospitalidade como exercício ético do viver em comum:

a noção de hospitalidade deve ser valorizada, sobretudo, a partir da sua dimensão ética. Mais do que resposta à complexidade do mundo, a hospitalidade designa uma competência de cidadania reclamada pelas exigências do viver em comum, pela necessidade de viver com e para os outros em instituições justas.

Para Bauman (2009, p.45), “as cidades são laboratórios nos quais se descobrem, experimentam e aprendem certos requisitos indispensáveis para a solução dos problemas globais”. E continua: “na cidade podemos dar nossa contribuição aprendendo essa arte que será indispensável para construir uma coexistência segura, pacífica e amigável no mundo inteiro”.

Se a hospitalidade é associada à cidade, é também associada à casa. A cidade é o lugar do coletivo, da construção humana, o lugar de viver que define o morar junto e, conseqüentemente, o pertencimento. Segundo o pensamento medieval, o homem é um peregrino entre duas cidades, a cidade de baixo, aqui onde se está, e a cidade de cima, o reino dos santos (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988). A casa e a cidade, usando o conceito de Derrida (2003) de “palavras-noite”, são imagens-noite já que ambas abrangem amplo, mas mesmo simbolismo, que vai da idéia de centro do mundo, imagem do universo, até o seio materno, o ser interior, a própria alma o que representa, na dimensão arquetípica, origem, pertencimento, identidade. (MOYA; DIAS, 2008)

DaMatta (1997), em estudo clássico - A Casa & A Rua - desenvolve reflexão sobre esses dois espaços, estabelecendo que estes podem assumir diferentes dimensões. Por exemplo, como casa pode-se definir desde um cômodo até o país. Nesse sentido, admite-se a associação da casa e da cidade, buscando o entendimento de sua correlação com a rua. Para o autor, a festa é a condição de conciliação da casa, da rua e do outro mundo e é por meio dela que se faz possível refazer a unidade. Em suas palavras:

A festa, o cerimonial, o ritual e o momento solene são modalidades de relacionar conjuntos separados e complementares de um mesmo sistema social. Sua importância, conforme tenho chamado sistematicamente a atenção, não é uma função do espírito festeiro, cínico ou irresponsável do brasileiro. É muito mais um mecanismo social básico por meio do qual a sociedade feita com três espaços pode tentar refazer sua unidade”. (DAMATTA, 1997, p.61).

A Virada Cultural e a Cidade



Considerado o maior acontecimento da cidade de São Paulo, a Virada Cultural conta com a participação de 4 milhões de pessoas, sendo aproximadamente 10% visitantes, isto é, pessoas de outras cidades e estados.

No dizer do Prefeito de São Paulo, a Virada Cultural “é o grande evento da cultura brasileira, em termos de público e qualidade”; e o Secretário Municipal de Cultura complementa: “São Paulo tem fome de cultura”, conforme citado no site da Virada Cultural (2009). Para a realização da festa, a prefeitura da cidade de São Paulo desembolsou R\$ 8 milhões.

Não se trata de uma manifestação cultural espontânea da sociedade mas, sim, de um evento em que o aspecto cultural é o mais relevante, sendo que também está inserido nesse contexto o fator de promoção da cidade como espaço de turismo, além da intenção de revitalização do centro da cidade.

Cabe aqui a referência a Grinover (2005, p.30), quando diz que

a hospitalidade da cidade passa pela organização dos espaços públicos. A praça clássica era um vazio urbano organizado que tomava a forma e o caráter de tudo que se fazia conforme as horas do dia e as estações do ano. A noção de território, assumido como um espaço que passa a ter significado a partir dos “atores que dele se utilizam” no dizer de Milton Santos, portanto, “pela leitura que dele pode ser realizada”.

A Virada Cultural é promovida pela Secretaria Municipal de Cultura e tem a grande maioria de seus eventos gratuitos. Durante 24 horas ininterruptas os moradores da capital e os turistas têm a opção de usufruir de mais de mil eventos culturais, de shows dos mais variados ritmos a apresentações circenses, dança, teatro, intervenções, performances de rua, encontros.

Os eventos em 2010 ocorreram em mais de 1050 diferentes locais da cidade, concentrados no centro de São Paulo, mas também distribuídos em inúmeros locais na periferia.

Ao vivo e em cores: a participação nos eventos

Frente aos vários espetáculos oferecidos, os alunos selecionaram alguns eventos para desenvolver a observação participante, conforme indicados a seguir, segundo o local do evento, o espetáculo propriamente dito e o tipo, se música, dança, teatro.



- a) Boulevard São João: Orquestra Popular do Recife (música);
- b) Largo do Paissandú: Sayhoooo! (Dj Set e projeções Interativas);
- c) Museu da Casa Brasileira: Tradicional Jazz Band (música);
- d) Palco São João: Titãs (música);
- e) Praça da Luz/ Parque da Luz: Vagalume “Die Lichtwesen (show de luzes); Tango sob dois olhares (dança); Jazz Sinfônica (música); 10 Melhores Pastéis (barracas de pastéis);
- f) Praça Júlio Prestes: Zélia Duncan (música);
- g) Rua Barão de Limeira: Tribo de Jah (música);
- h) Rua Direita: Marchinhas de São Luiz do Paraitinga (música);
- i) Sesc Pinheiros: A casa de dentro da gente (teatro);
- j) Trem da CPTM: Trem das onze – 100 anos de Adoniran Barbosa (música no trem).

O espaço público e a interação social

A maioria dos eventos ocorreu em espaços públicos, ao ar livre. Deste modo, a população se organizou espontaneamente para assistir aos shows não havendo setores demarcados ou restritos. Tal situação é facilitadora do convívio e é como se o espaço da cidade se tornasse meio de interação. Diz Hanna Arendt citada por Baptista (2007, p.206), “o espaço público é o lugar onde as vontades aparecem e se entrelaçam com outras vontades produzindo um mundo comum”. E, no dizer de Hillman (1993, p.18): “um encontro não é somente um encontro público, é encontrar-se em público”.

Olhar o público de longe mostra que existe uma quantidade enorme de pessoas que não se conhecem, mas, por estarem em um mesmo espaço e com um mesmo objetivo, aparecem como unidade, pois seus trajés, suas preferências musicais e seu gestual apresentam similaridade. Ao olhar de perto, a massa de pessoas que parecia uniforme quando observada de um ponto de vista macro, é, na realidade, composta por uma infinidade de micro grupos que se relacionam apenas internamente e que permanecem indiferentes em relação aos outros grupos. A interação entre os grupos distintos se limita ao trato social, com expressões de cortesia: desculpe, com licença, por favor.

Duas situações, entretanto, foram mobilizadoras para os participantes. A primeira situação referiu-se ao espetáculo de luzes Vagalume Die Lichtwesen, que, ao informar ao público um atraso de quatro horas, gerou grande frustração na plateia e

estimulou a troca de informações e esclarecimentos. A segunda situação, também de forte frustração, referiu-se ao tempo de espera nas barracas de pastel, de mais de noventa minutos, tema propício a comentários, críticas e elogios aos compradores mais persistentes. Frente à frustração coletiva ficou fortalecida a sensação de “estar no mesmo barco” e, aí, a comunicação tornou-se possível.

Não só pelo gênero musical, mas pelo próprio cenário, isto é, o local de realização, cada show atraiu um tipo de público diferente. Shows mais populares com grande audiência e artistas famosos atraíram públicos heterogêneos e, nesse sentido, a referência faz-se em relação à condição social, do descamisado e do morador de rua à jovem universitária e o casal quarentão. É o caso dos grandes shows, nos palcos das ruas São João e Júlio Prestes.

Dentro dessa multiplicidade de acontecimentos, a hospitalidade pública, que segundo Camargo (2004) decorre do direito de ir e vir e ser atendido nas expectativas de interação humana, mostrou-se não apenas como um modo de minimizar a agressividade, mas foi sentida também como tolerância, como forma de lidar com as desigualdades presentes no espaço público, conforme Baptista (2007, p.219): “a tolerância assenta numa relação de desigualdade, numa atitude de recepção e dádiva afirmada pelo lado do mais forte, daquele que, podendo e em função de certas condições, se dispõe a ceder uma parcela do seu espaço”.

Nos eventos fora do Centro, especificamente no Museu da Casa Brasileira e no Sesc Pinheiros, a percepção era de que o público presente era bem mais homogêneo. Por um lado, esses locais situam-se em bairros de classe média e média alta da cidade. Além disso, no Museu da Casa Brasileira, a especificidade do show apresentado, jazz, que por si já é considerado um estilo musical elitista, seja no Brasil, seja no mundo, tende a ser apreciado por pessoas com mais de trinta anos, com preferência por música instrumental e pela virtuosidade dos músicos. Nesse sentido, a platéia mostrou-se silenciosa e pouco participativa, mais disposta a ouvir que cantar junto, pois o gênero de música assim o exigia. De modo semelhante ocorreu no Sesc Pinheiros, onde foi apresentado um espetáculo teatral.

Nesse sentido pode-se dizer com Blass (2008) em sua análise da Virada Cultural de 2008, que a distribuição dos palcos sinaliza as desigualdades sociais. Em suas palavras:

Os palcos consistem, portanto, em espaços sociais nos quais se expressam distintos estilos de vida, gostos e práticas cuja eficácia simbólica está alicerçada na realidade. Ou nas palavras de Bourdieu (2004), “nas afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir” (idem: 166). Desse ponto de vista, se pode concluir que cada palco temático e a distribuição espacial das atividades artísticas expressam o contexto social cotidiano paulistano onde os seus moradores vivenciam profundas desigualdades sociais e enfrentam discriminações, estigmas e conflitos latentes. (BLASS, 2008, p.39)

O show dos Titãs encerrou a Virada Cultural. O Palco da Avenida São João abrigou um público muito grande, onde ocorreu muita proximidade física. Como observado nos outros eventos, as pessoas foram em grupos assistir o show e, aqui também, praticamente só se relacionaram e comunicaram no seu próprio grupo. Entretanto, foi só o show começar que todos cantaram, dançaram e levantaram as mãos simultaneamente, como se pertencessem a uma grande família. Desse modo o show transcorreu, aparentemente, de forma pacífica e ordenada.

Ainda assim, uma questão persiste, pois muitas pessoas que foram ao show do Titãs, por exemplo, poderiam ir a um show pago, com mais conforto e privacidade. Nesse sentido, o que levou as pessoas (ou ao menos um parte delas) a participar desse tipo de situação?

Analisando a avaliação do público participante, de modo geral, este mostrou dois grandes perfis. De um lado as pessoas que foram a eventos específicos, pontuais e, de outro, as que foram para a Virada Cultural, dispostas a participar de vários eventos e virar a noite nas ruas da cidade. Em ambos os casos, o sentimento de apropriação do espaço da cidade é efetivo. Para Le Goff (1998, p.124) “é a sociabilidade, o prazer de estar com o outro, que estabelece em definitivo a diferença urbana, a urbanidade”.

A essa reflexão pode-se agregar o pensamento de Montandon (2005, p.1) quando este sinaliza que, é na relação dialética com o outro, que ocorre a apropriação da própria identidade. Em suas palavras: “oferecer hospitalidade é tomar consciência, descobrir e apreciar as próprias riquezas”. Ou seja, é a chegada do outro que promove “a descoberta de si e de um novo olhar sobre seus próprios recursos”. Do mesmo modo ocorre na cidade, por um lapso de tempo, as 24 horas da Virada Cultural, o entendimento e o sentimento de pertencimento à cidade. Na dinâmica da hospitalidade que lhe é própria, delineiam-se os limites, reconhece-se o outro, explicitam-se identidades e se faz o encontro.



Mais ainda, como afirma Baptista (2007, p.224), dentro do espaço público pode-se dizer que “são, precisamente, as situações de encontro pessoal, de diálogo e de exposição, que permitem que a vida em sociedade possa ser apoiada em práticas de reconhecimento intersubjetivo e de estima social.”

Considerações finais

Apesar de se observar a predominância de pequenos grupos, não se pode descartar uma interação social ou de rede de amigos que se agrega ampliando as relações interpessoais. Porém, tal fato passa despercebido devido à magnitude do evento e do número de pessoas presentes. Dessa forma, foi constatado que na maioria das situações as interações foram parciais e muitas vezes restringiam-se apenas à cordialidade social. Outro fator observado foi o individualismo e a indiferença que se tornou a marca registrada na pós-modernidade, onde todos estão preocupados consigo mesmos e a interação social tornou-se premente em situações humanitárias, pois o medo e a insegurança que está presente em diversas situações e afronta a população, principalmente em grandes aglomerações, criaram uma espécie de escudo que impede uma integração mais estreita entre as pessoas.

Por fim, conclui-se que a Virada Cultural possui um grande potencial para a interação social, principalmente porque reúne pessoas com interesses e gostos comuns no espaço público. Além disso, mesmo havendo diversos micro grupos, conforme observado, há mais interação do que ocorre no cotidiano das grandes cidades.

Definir grandes públicos e suas escolhas remete-nos a possibilidades de muitos desses sujeitos optarem por estar presentes no espaço público, no sentido de se apropriarem dele, se apropriarem da cidade, estar junto com os outros e daí resultar o sentimento de pertencimento.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, I. **Capacidade Ética e Desejo Metafísico**. Porto, Portugal: Afrontamento, 2007.

_____. Para uma geografia de proximidade humana. Revista Hospitalidade. São Paulo: Anhembi Morumbi, ano 2. n. 2, p. 11-22, 2. sem. 2005.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.



BLASS, L.M.S. **Os circuitos da cultura na Virada Cultural em São Paulo.** ;ponto-e-vírgula, 4: 34 – 45, 2008.

CAMARGO, L .O. **Hospitalidade**, São Paulo: Aleph, 2005.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

DAMATTA, R. **A casa & A Rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DENCKER, A.F.M. **Comunicação e hospitalidade nas organizações.** XXX Intercom 2007, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2007.

DERRIDA, J.; DUFOURMANTELLE, A. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade.** Rio de Janeiro: Escuta, 2003.

HILLMAN, J. **Cidade e Alma.** São Paulo: Nobel, 1993.

IBGE - Sistema de Informações e Indicadores Culturais 2003-2005. Rio de Janeiro, 2009.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

MOYA, I.M.S.; DIAS, C.M.M. **Hospitalidade e Turismo: utopia, mito ou uma nova ética?** Uma discussão do simbólico. IV ANPTUR Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. São Paulo, 2007.

PNAD - Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Síntese de Indicadores 2008. Rio de Janeiro, 2009.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/ 2008. Portugal: IPAD Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, 2007.

UNESCO (www.unesco.org.br)

VIRADA CULTURAL in <http://viradacultural.org/noticias/45>